

Saúde pública acima de tudo

Pedro Valente *

Não sou contra a clínica privada; eu mesmo tenho a minha. Ela existe em todos os países do mundo. Nos capitalistas, nos socialdemocratas e até mesmo nos socialistas. É óbvio que o setor privado, além de sua notória eficiência em diversas especialidades, completa e pode até desafogar o setor público, como ocorre no Primeiro Mundo, mas temos de reconhecer que em nosso meio isto vem diminuindo assustadoramente devido ao empobrecimento da classe média, que cada vez mais recorre aos hospitais públicos, até mesmo para pequenos tratamentos, outrora procurados em consultórios e clínicas particulares.

Sabemos perfeitamente das deficiências humanas e materiais do serviço público, desgastado nos últimos anos pela carência de orçamentos adequados (o Brasil ocupa uma das últimas posições em investimentos na área de saúde) e pelo enfraquecimento orgânico cada vez maior de nossa população desnutrida.

A deterioração assistencial mais sentida é a do Rio de Janeiro, que possui a maior rede hospitalar da América Latina, herança deixada pelo tempo em que foi Capital Federal. Aqui se desenvolveu o maior centro de ensino, a melhor tecnologia e a mais sólida cultura médica do país. Até hoje sediamos a Academia Nacional de Medicina e o Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Ao deixar de receber o apoio e os recursos de Brasília, foi transformado todo aquele imenso e rico patrimônio, que levou o Rio de Janeiro a ocupar lugar de destaque na prestação de serviços médicos no Brasil e no exterior, numa situação de retrocesso e degradação.

Por tudo isto não posso concordar com a campanha sistemática que vem sendo feita contra o serviço público de saúde, que não é causa e sim efeito das imprudências políticas e negligências econômicas que nos últimos anos

estão levando o nosso povo ao desalento e desespero.

Vejo com tristeza, na televisão em horários nobres e nos jornais, noticiários sensacionalistas, derrubando ainda mais os nossos empobrecidos hospitais, que bem ou mal são os únicos que salvam vidas nas emergências, patrocinados pela propaganda milionária de empresas privadas de seguro de saúde que mal querem pagar o imposto sobre seus serviços, também remuneram mal os seus profissionais e jamais deram o endereço, publicamente, para onde levar os seus associados em caso de acidente grave com risco de vida.

São enfermeiras lindas, médicos com cara de atores do Primeiro Mundo, ambulâncias sofisticadas, centros cirúrgicos cinematográficos e jatinhos equipados com CTI, que a gente só vê mesmo na TV.

O atendimento de emergência na hora do desastre, do pega pra capar, só é viável mesmo nos hospitais Souza Aguiar, Getúlio Vargas, Miguel Couto, Pedro II, Bonsucesso, Carlos Chagas e outros, todos públicos, para onde são removidos ricos ou pobres, segurados ou não, através do meio de transporte possível no momento ou pelas eficientes ambulâncias do Corpo de Bombeiros.

Discordo inteiramente dos profissionais ativistas de sindicatos e de conselhos que, procurando imitar e ocupar o espaço deixado pelo ministro Alencin no Rio, cuja "pirotecnia" eles tanto criticavam, invadem os hospitais públicos, sem ao menos se dirigir ao colega diretor, combinando com a imprensa o sensacionalismo, de véspera, devassando a privacidade de humildes pacientes, ferindo a ética que eles próprios deveriam defender, aproveitando-se da boa-fé e inexperiência de jovens repórteres leigos em medicina ao agredir com armações os mais elementares conhecimentos biológicos, utilizando meias-verdades e até mentiras, para finalmente submeter à execração o esforço que é feito

pelos servidores da saúde, que cada vez mais perdem a credibilidade perante a opinião pública.

A OAB há pouco fez uma campanha de prestigiação de seus advogados: "Não há justiça sem advogado; não há democracia sem justiça." Não há vida sem saúde. E a saúde depende diretamente dos sanitaristas, dos cirurgiões, dos clínicos, dos nutricionistas, dos técnicos de laboratório, do pessoal de enfermagem, dos psicólogos, farmacêuticos, dentistas, veterinários e sobretudo do Velhinho lá em cima, enquanto merecermos a sua misericórdia.

Reconheço todas as nossas deficiências. Só estou na administração da saúde pública do estado há sete meses. Não exerço cargo público permanente. Estas mazelas estão aí se acumulando há décadas. Entretanto, tenho a consciência tranqüila. Desde que assumi a saúde do município e, até hoje, que ocupo a Secretaria de Estado, luto por salários mais dignos, melhores condições de trabalho e, principalmente, para atenuar a dor e o sofrimento dos necessitados.

O nosso sistema conveniado privado com o Inamps também encerra graves distorções. Do escândalo das trambiclinicas, o estímulo à dupla militância dos maus profissionais de saúde, até a contratação de serviços sofisticados, alguns corretos do ponto de vista médico, mas eivados de graves irregularidades no faturamento. Neste particular é preciso que se democratize a fiscalização, cada município assumindo o controle das casas de saúde e serviços conveniados sob sua jurisdição. O Rio de Janeiro é muito grande e muito complexo do ponto de vista da sua rede pública e privada. Torna-se impossível ao estado exercer plenamente o controle e a fiscalização total. Cabe a cada município, dentro da filosofia do SUS, esta gestão descentralizada.